

121

Há uma pessoa na casa. É audível quando se move na sala lá em cima. Quando se levanta da cama ou quando desce as escadas e entra na cozinha. Há uma zoadá nos canos de água quando enche uma chaleira com água. Há o som do metal quando poussa a chaleira no fogão e um estalido muito leve do isqueiro quando acende a chama. Depois, há uma pausa até a água atingir o ponto de ebulição. Há um crepitar de folhas de chá e de papel, quando uma primeira colher cheia de folhas de chá e depois uma outra são retiradas do saco de papel e deitadas no bule, e há o som da água a ser vertida sobre as folhas de chá, mas são sons que só podem ser ouvidos na cozinha. Consigo ouvir o frigorífico quando é aberto, porque a porta bate contra um canto da mesa da cozinha. Depois, há outra vez uma pausa enquanto o chá está a abrir e, apesar de ténue, ouço o som de uma chávena e de um pires que são retirados do armário da cozinha. Não ouço o som do chá a ser vertido na chávena, mas ouço os passos entre a cozinha e a sala de estar, enquanto ele anda pela casa com a chávena de chá. Chama-se Thomas Selter. A casa é uma casa de pedra de dois pisos nos arredores da cidade de Clairon-sous-Bois no norte de França. No quarto das traseiras, que dá para o jardim e para uma pilha de lenha, ninguém entra.

É dia 18 de novembro. Habituei-me à ideia. Habituei-me aos sons, à luz cinzenta da manhã e à chuva que em breve começará a cair no jardim. Habituei-me aos passos no chão e às portas que

se abrem e fecham. Consigo ouvir Thomas passar da sala para a cozinha e pousar a chávena na mesa e pouco tarda até conseguir ouvi-lo no vestíbulo. Ouço-o tirar o casaco do cabide e ouço-o deixar cair o guarda-chuva no chão e apanhá-lo.

Quando Thomas sai sob a chuva de novembro, reina o silêncio na casa. Há apenas os meus próprios sons e o som suavíssimo da chuva lá fora. Há o som do lápis contra o papel e da cadeira contra o chão, quando a empurro para trás e me levanto da mesa. Há os meus passos no chão e o ranger muito leve da maçaneta, quando abro a porta que dá para o corredor.

Enquanto Thomas está fora, costumo andar pela casa. Vou à casa de banho e vou buscar água à cozinha, mas volto rapidamente para o quarto. Fecho a porta e sento-me na cama ou na cadeira que está no canto para não ser vista do caminho do jardim, se alguém olhar para aqui.

Quando Thomas chega com dois sacos de plástico fino, os sons recomeçam. É a chave na porta e os sapatos a serem enxutos no tapete. É o restolhar dos sacos quando pousa as compras no chão. É o som do guarda-chuva desdobrável que ele coloca na cadeira do vestíbulo e, no instante seguinte, ouço o som do casaco a ser pendurado no bengaleiro junto à porta. Ouço o restolhar repetitivo do plástico, quando ele coloca os sacos das compras na mesa da cozinha e arruma as compras no lugar. Põe o queijo no frigorífico, arruma duas latas de tomate num armário e coloca uma barra de chocolate à sua frente na mesa da cozinha. Depois de esvaziar os sacos, amarrota-os e guarda-os no armário debaixo do lava-loiça. A seguir, fecha a porta e ficam a restolhar lá dentro.

Durante o dia, ouço-o no escritório lá em cima. Ouço uma cadeira de escritório contra o chão e a impressora a imprimir etiquetas e cartas. Ouço passos nas escadas e o bater suave nas tábuas do soalho, quando Thomas pousa as encomendas e as cartas no chão no vestíbulo. Ouço-o na cozinha e na sala de estar. Ouço o som

duma mão ou duma manga a roçar a parede, quando ele sobe as escadas outra vez. Ouço-o na casa de banho e ouço um som vindo da sanita que só pode vir de um homem a urinar de pé.

Pouco depois, ouço-o outra vez nas escadas e no vestíbulo e ele não tarda a entrar na sala de estar e a sentar-se num cadeirão junto à janela que dá para a rua. Passa o tempo de espera a ler ou a contemplar a chuva de novembro.

É de mim que ele está à espera. Chamo-me Tara Selter. Estou sentada na sala das traseiras, que dá para o jardim e uma pilha de lenha. É dia 18 de novembro. Todas as noites, quando me deito para dormir na cama do quarto de visitas, é dia 18 de novembro, e todas as manhãs, quando acordo, é dia 18 de novembro. Já não estou à espera de acordar no dia 19 de novembro e já não me lembro do dia 17 de novembro como se tivesse sido ontem.

Abro a janela e atiro um pouco de pão para os pássaros que em breve se juntarão no jardim. Chegam quando a chuva faz uma pausa. Primeiro, os melros que se entretêm a debicar as últimas maçãs da macieira ou o pão que deitei lá para fora, e, um pouco mais tarde, um único pintarroxo. Logo depois, passa um chapim-rabilongo e, mais tarde, também alguns chapins-reais, que são imediatamente escoraçados pelos melros. Passado um pouco, começa a chover outra vez. Os melros continuam a comer durante algum tempo, mas, quando a chuva se abate, voam e resguardam-se na sebe.

Thomas acendeu a lareira na sala de estar. Foi buscar lenha ao barracão do jardim e, em breve, noto que há mais calor na casa. Ouvei os sons vindos do vestíbulo e da sala de estar, mas agora que Thomas está a ler, ouço apenas o meu lápis contra o papel, um sussurro que logo desaparece no som da chuva.

Contei os dias e, se contei corretamente, hoje é o 18 de novembro # 121. Vou acompanhando os dias. Vou acompanhando os sons

da casa. Quando tudo está calmo, não faço nada. Deito-me a descansar na cama, ou leio um livro, mas não emito qualquer som. Ou quase nenhum. Respiro. Levanto-me e circulo com cuidado no quarto. São os sons a transportar-me à volta do quarto. Sento-me na cama ou puxo cuidadosamente a cadeira da mesa junto à janela.

A meio da tarde, Thomas liga a música na sala. Primeiro, ouço-o no corredor e na cozinha. Ouço-o pôr uma chaleira no fogão a gás e ouço os seus passos no chão quando regressa à sala de estar e liga a música. Depois, sei que em breve vai clarear. As nuvens desaparecem e aparece um bocadinho de sol.

Costumo preparar-me para sair assim que a música começa. Levanto-me e ponho o casaco e as botas. Espero à porta e, pouco depois, a música está a tocar tão alto que posso sair de casa sem ser ouvida, porque a música da sala esconde o som das portas a abrirem-se, os passos no chão, e as portas a fecharem-se novamente.

Saio de casa pela porta que dá para o jardim. Ponho a mala ao ombro, abro cuidadosamente a porta do quarto, saio para o vestíbulo e volto a fechá-la. No chão, estão três envelopes médios e quatro pacotes de papel pardo castanho com os nossos nomes: T. & T. Selter. Somos nós. Negociamos livros antigos, em particular, obras ilustradas do século XVIII. Compramos as obras em leilões, a colecionadores privados ou a outros livreiros, revendemo-las e expedimos os livros em pacotes castanhos com os nossos nomes. Passo em silêncio pelos pacotes no chão, abro a porta e saio. Nem preciso de guarda-chuva. A chuva ainda persiste um bocadinho, mas não demora muito até parar completamente. Não sigo pela passagem do jardim que atravessa o telheiro, vou antes pela esquerda, ao longo da casa, passando pelo barracão do jardim, até chegar a um canto do jardim que não se consegue ver a partir de casa. Depois de passar por um canteiro de alhos-porros e duas fileiras de beterrabas, chego a

uma abertura na sebe e saio para a estrada. Olho para trás por um instante. Vejo alguns rolos de fumo subindo no ar, saídos da chaminé. Ouço uma música muito baixinho, mas apresso-me a seguir em frente e, percorridos mais uns passos, já não ouço nem a música nem a chuva, porque a chuva parou, a música desapareceu atrás de mim, e a única coisa que ouço são os meus passos no pavimento, o som de alguns carros e as vozes distantes das crianças numa escola a várias ruas dali.

Um pouco mais tarde, quando Thomas vir que a chuva parou, desliga a música. Veste o casaco e pega na pilha de cartas e encomendas que está no chão. Às 15:24, sai de casa. Leva cartas e encomendas. T. & T. Selter. Somos nós. Mas o tempo meteu-se entre nós. Caminhamos pelas pequenas estradas até à cidade ou de regresso a casa. Estamos cá fora, damos as nossas voltas numa pausa da chuva, mas não vamos pelos mesmos caminhos. Ele não está à espera de me encontrar no caminho e não me encontra. Eu conheço um percurso diferente e, quando ele volta para casa, estou outra vez sentada no quarto que dá para o jardim.

Se houver algo que me faça falta, vou a um pequeno supermercado a algumas ruas daqui. Levo o meu tempo e, em regra, meto por um atalho no regresso a casa. Passo o portão e sigo pela passagem do jardim, entro pela porta das traseiras e tranco-me lá dentro. Reina o silêncio na casa. Thomas saiu e já não chove. Vai a caminho da cidade e, quando tiver expedido os seus pacotes, o sol terá rompido. Atravessa o bosque até ao rio e só regressa ao fim da tarde, quando a chuva recomeçou, porque não há ninguém à sua espera em casa e não há nada para ele fazer.

Costumo pôr as minhas compras no quarto, quando regresso. Penduro o casaco na cadeira, descalço as botas e vou para a cozinha. Junto ao lava-loiça está uma chávena, e a chaleira no fogão ainda guarda calor. Consigo seguir o rasto de Thomas pela casa. Subo as escadas e entro no escritório. Há pilhas de livros e resmas de papel em cima da mesa. Há livros nas prateleiras e em